



REVISTA BRASILEIRA DE ALTAS
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

ISSN: 2318-9274 (Online)

Volume 5 / Número 1 /

Ano: 2024 – p. XX-YY Doi:

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

ENTREVISTA COM A PROFESSORA ELLEN WINNER

¹Tania Vicente Viana

²Cristina Maria Carvalho Delou

¹Universidade Federal do Ceará. E-mail: taniaviana@ufc.br

²Presidente do Conbrasd. E-mail: cristinadelou@id.uff.br

Entrevista: Tania Vicente Viana

Quem é a professora Ellen Winner?

Ellen Winner é professora emérita de Psicologia em Boston College e pesquisadora associada sênior do Projeto Zero em Harvard. Ela escreveu quatro livros e mais de 200 artigos. É a autora de “Crianças Superdotadas: Mitos e Realidades”, livro esgotado no Brasil. Ela foi presidente da Divisão 10 da Associação Americana de Psicologia [APA], Psicologia e Artes, em 1995-1996, e recebeu o Prêmio Rudolf Arnheim de excelência em pesquisa no ano 2000. Ela é membro da Divisão 10 da APA, da Associação Internacional de Estética Empírica.

Tania Viana: Minha primeira pergunta para a senhora é sobre um de seus livros. Na verdade, é o seu livro mais famoso para nós no Brasil – “Crianças Superdotadas: Mitos e Realidades”. É um livro bem aceito no Brasil. Na verdade, está completamente esgotado e nenhum outro livro ocupou o seu lugar depois. Nós definitivamente precisamos de uma nova edição em Português. O livro foi organizado em torno de nove mal-entendidos sobre a natureza da superdotação. A senhora poderia falar sobre esses mitos ou mal-entendidos para nós?



Ellen Winner: Claro. E espero que vocês consigam imprimir mais livros, para que mais pessoas possam adquiri-los. Não fazia ideia de que estava esgotado no Brasil. Então, você pode me avisar se eu puder ajudar com meu editor.

Ok, sobre os mitos. Bem, acredito que o primeiro mito com o qual eu comecei o meu livro foi o que eu chamo de mito da superdotação global, que é a ideia de que, se uma criança é superdotada, a criança é superdotada em todos os aspectos: superdotada em matemática, superdotada em áreas verbais, superdotada nas artes, superdotada em atletismo, superdotada em todos os aspectos. E isso é muito raro, muito raro.

A maioria das crianças é superdotada em uma área ou em uma área mais do que em outras áreas. Há também uma visão de que, se uma criança é superdotada numa área acadêmica – e mencionei duas delas, matemática e áreas verbais – se uma criança é superdotada numa área, será superdotada na outra. E isso também não é verdade. As crianças que são muito boas em [área] verbal frequentemente não são particularmente boas em matemática e o inverso também é verdadeiro. Portanto, não estou dizendo que nenhuma criança seja globalmente superdotada, mas que a maioria das crianças superdotadas é superdotada em uma área específica e elas têm o que eu chamaria de perfis irregulares: elevado em algumas [áreas], elevado em uma [área], talvez duas, e mediano ou típico, comum em outras.

E também temos casos de crianças superdotadas em uma área e com transtorno específico de aprendizagem em outra. E também temos o caso dos chamados “savants”, que demonstram habilidades altamente elevadas em uma área específica, como música ou desenho realista, ou memória, ou matemática, ou cálculo – eu diria esse aspecto da matemática – mas que apresentam deficiência intelectual assim como são frequentemente autistas. É muito mais complicado do que dizer que a superdotação é um grande globo em que se está no topo em tudo.

Tania Viana: No Brasil, a pesquisa sobre os mitos da superdotação tem sido realizada por Eunice Soriano de Alencar e Denise Fleith desde a década de 1970. A propósito, Denise Fleith é a atual presidente do Conselho Mundial para Crianças Superdotadas e Talentosas. Mesmo assim, os mitos ainda sobrevivem hoje em dia. Na sua opinião, como se explica esta situação?

Ellen Winner: Ah, com certeza. Bem, ficarei feliz em responder e depois poderei falar sobre os outros mitos, se você desejar. Você sabe, é muito difícil mudar a opinião das pessoas, e nem todo mundo está se debruçando sobre a literatura de pesquisa acadêmica para descobrir qual terminologia é recomendada agora. Acho que as pessoas recorrem a “slogans”¹, a formas fáceis de caracterizar as coisas.

E você sabe por quê? Alguns dos meus outros trabalhos foram sobre a afirmação de que: “A educação artística é importante, porque aumenta as capacidades acadêmicas das crianças e os resultados dos testes em áreas acadêmicas”. E eu mostrei que isso, de fato, não era verdade. Não havia nenhuma evidência disso. Mas não parece importar que eu tenha mostrado isso, porque as pessoas ainda fazem essas afirmações. Então, como eu diria, é muito difícil mudar a forma como as pessoas falam e pensam sobre as coisas. Devo falar sobre alguns dos outros mitos?

Tania Viana: Claro, como a senhora desejar.

Ellen Winner: Ok. Um segundo mito de que falei é o que eu chamei de mito do talentoso, mas não superdotado. E essa é a suposição de que há uma diferença entre ser talentoso e ser superdotado. Mas se você realmente pensar a respeito, qual é a diferença? Na verdade, a diferença parece ser o domínio em que alguém é talentoso *versus* superdotado. Tendemos a reservar a palavra superdotado para desempenho elevado em áreas acadêmicas e escolares, particularmente matemática e áreas verbais, e talentos para as artes e atletismo. Mas eu diria que deveríamos usar apenas uma palavra para todos, uma [palavra] ou outra: talento ou superdotação. Eu prefiro superdotação.

E... crianças superdotadas, em qualquer domínio, possuem diversas características em comum que as unem. Elas são, em primeiro lugar, elas são precoces. Elas apresentam um desempenho acima do de seus pares, com a mesma idade, em alguma área, muitas vezes, muito acima. Em

¹ Frases promocionais, lemas (nota do tradutor).

segundo lugar, elas, como eu chamo, apresentam uma insistência em fazer as coisas a seu modo: muitas vezes, são inconformistas; elas realmente não se importam com o que as outras pessoas pensam e, o mais importante, elas ensinam a si próprias, praticamente ensinam a si próprias em sua área de alta habilidade. Elas não precisam de muito suporte estruturado nesse sentido.

E a terceira característica é o que eu chamo de possuir uma fúria por dominar, que se trata de uma motivação incrivelmente intensa para continuar trabalhando em sua área de alta habilidade, provavelmente porque elas são boas nisso. E quando você é bom em alguma coisa, você alcança uma espécie de estado de fluxo quando está trabalhando nisso. E é prazeroso. Assim, nesses três aspectos: precocidade, uma insistência em fazer as coisas a seu modo e fúria por dominar, todas as crianças superdotadas, não importa qual seja o domínio, são semelhantes. E, portanto, não creio que devamos fazer distinção entre talento e superdotação.

Outro mito de que falo a respeito é o que eu chamo de mito do QI². E isso significa que, se uma criança for superdotada, ela terá um alto QI. Agora, se uma criança é superdotada em... se uma criança é bastante superdotada tanto [na área] verbal quanto matemática, essa criança provavelmente tem um alto QI, porque essas são as duas áreas nas quais os testes de QI se concentram. Mas, com frequência, encontramos crianças que são bem mais superdotadas... crianças que são superdotadas em matemática, mas não em [área] verbal ou vice-versa. Acho que já mencionei isso quando falei sobre o mito da superdotação global.

E se pensarmos em superdotação na arte, na música ou no atletismo, estas, muitas vezes, não estão relacionadas com o QI. As pessoas afirmam que crianças com superdotação musical têm alto QI, mas, de fato, isso não é verdade. Você pode ser bastante superdotado na música e ter um QI médio, e o mesmo [é válido] para a arte e certamente para o atletismo. Então, o mito do QI diz que todas as crianças superdotadas têm alto QI e eu digo não: apenas crianças com alto desempenho nas áreas escolares. Vamos ver, em que mito estou?

O quarto mito é o que chamo de mito de origem. De onde veio a superdotação? E acho que há uma visão do senso comum de que crianças altamente superdotadas simplesmente nasceram assim. E, se você perguntar a alguém na rua, provavelmente é isso que a maioria das pessoas diria. Se você perguntar a um psicólogo que leu o trabalho de Anders Ericsson, esse psicólogo dirá: “Ah, é um mito dizer que tudo é inato. Tudo se deve à prática. E, se você praticar algo por 10 mil horas ao longo dos anos, você vai atingir o estado de superdotação”.

E eu realmente acho que a visão popular é mais correta do que a visão de 10 mil horas. Porque você não pode pegar uma criança ao acaso e fazer com que ela toque piano cinco horas por dia ou trabalhe em matemática em seu tempo livre, porque ela adora isso. Isto é... é verdade que 10 mil horas de prática ou de trabalho árduo são necessários para atingir altos níveis de proficiência, mas não podem ser suficientes. Se você observar as crianças desde cedo, verá que algumas delas, aquelas que chamamos de superdotadas, mostram altas habilidades em uma área específica onde não foram treinadas. Então, elas... existem e está claro que elas têm uma habilidade muito alta. Por exemplo, tenho um neto que é o que eu chamo de prodígio em arte abstrata. Ele se levanta de manhã e passa o tempo todo fazendo arte abstrata e com muito, muito cuidado. Ele tem apenas quatro anos. E é incomum ver uma criança fazendo isso. Ele não está demonstrando o mesmo tipo de tendência para mais nada, nem para música, nem para leitura de livros. É apenas para a arte.

Então de onde vem isso? Eu acho que tem que ser, em certo sentido, inato. As crianças nascem com certas tendências que as direcionam para determinados domínios. E então... a ideia de que você pode forçar uma criança típica a trabalhar 10 mil horas em alguma coisa é ridícula, porque

² Quociente de Inteligência (QI) (nota do tradutor).

you cannot force a typical child to do this. They rebel. You only get that a child does it if she really loves to do it. And you only love to do it if you have high abilities to start with, so it's something that comes naturally to you.

Another myth is the idea of the parent conductor. It's very related to the 10,000-hour myth. The idea is that gifted children are born as typical children, but their parents push them, push them, push them. And that's what makes them reach high levels. But, in reality, what parents say is that their children are pushing them: "I want to read more books"; "Arrange more books"; "Take me to the museum". The children are asking their parents to provide them with the materials necessary to work in their area of high abilities. So, even though it's true that some parents of gifted children really push their children, this is not the explanation of where their children get their high abilities.

Let's see, I have three more myths to talk about. One is called the health myth, psychological health, that's the health myth. This was a myth that was really encouraged by the work of Lewis Terman, who did the first longitudinal study of children with high IQ, starting in the 1920s in California. And he thought that children with high IQ would be very well-adjusted and happy. And this is a type of idealization that simply doesn't hold up to the evidence. What happens is that, the more gifted a child is in any area, the more likely it is that they will have difficulty in finding friends of their age, because they are so different from their peers. And, for this reason, many of them have social difficulties. So, maybe this is true for a moderately gifted child, but for the highly gifted, the extremes, many of them deal with the fact of being outcasts, feeling awkward and not having friends of their age. And, so, many of them, in fact, gravitate towards older children.

Another myth that we see in the United States is the affirmation that all children are gifted. I think that this comes from the desire not to be elitist. It's very probable that the educators say: "All children are gifted". I think that what they really want to say with this is that all children have the potential to learn. It's simply not true that all children are gifted. There is a lot of variation in children's abilities.

I find this myth even in the visual arts. One time, I was doing a study on children who are gifted in the visual arts and I asked an art teacher to choose some children who are very gifted in the visual arts. And she said: "All my children are gifted in art". And I understand the impulse behind this. It's just saying that all children can learn and prosper. But that art teacher knows very well, if she sees a child who is unusual and gifted in art, that art teacher can tell the difference between that child and a typical child. But the teachers resist because they don't want to seem elitist.

I think that the last myth that I wrote and that I would like to mention is really intriguing: the majority of gifted children do not become eminent creators as adults. We could think that, if we had a child prodigy in mathematics at eight years old or something like that, that child will become the next Einstein. But this rarely happens because gifted children control a domain that has already been invented. And adults, highly creative adults, in fact, invent or change the domain or invent a new domain. And this is a type of ability that is very different. And so, even though the majority of eminent creators, even though not all of them, have been prodigies in their area, the majority of prodigies do not become highly creative adults that revolutionize their area. They tend to become specialists in their areas, but not people known as great creators or what we could call geniuses. So these are my nine myths about giftedness from my book. And I will be happy to answer your questions about any of them.

Tania Viana: Professora, a senhora poderia nos explicar o que é um prodígio?

Ellen Winner: Você sabe, as pessoas tentaram chegar a uma definição muito específica. David Feldman argumentou que um prodígio é uma criança que apresenta desempenho de nível adulto com menos de 13 anos. Concordo que seria um prodígio. Só não sei por que fazemos o corte em 13, 14 ou 12, porque é tudo um *continuum*. Então, eu diria simplesmente que prodígio é uma criança que tem um desempenho muito acima do nível de ensino em alguma área e que mostra as características de ter fúria por dominar.

Tania Viana: Em primeiro lugar, é verdade que a senhora conheceu dois sujeitos da pesquisa de Terman? Dois “Termites”? Como foi essa experiência? A senhora poderia compartilhar conosco?

Ellen Winner: Claro. Eles eram bastante idosos, naturalmente. Não me lembro exatamente quantos anos eles tinham, mas tenho certeza de que estavam na faixa dos 80. Eles poderiam estar no início [da faixa] dos 90. Um deles me mostrou quebra-cabeças muito complicados com os quais adorava trabalhar. E a outra – aquele era um homem – uma mulher me mostrou todo tipo de fotografia que ela havia colecionado. Então, eles pareciam pessoas comuns, gentis e legais. Eles ficaram muito felizes em falar sobre terem participado do estudo, mas você não saberia o quanto eles eram superdotados quando crianças apenas conversando com eles. Eles pareciam, você sabe, pessoas comuns que se expressavam muito bem. Mas eu sabia que eles tinham isso... esse histórico de altas habilidades.

Tania Viana: Isso é tão legal.

Tania Viana: Como legado do estudo de Terman, as pessoas em geral acreditam que os testes de QI são a melhor forma de identificar crianças superdotadas. Além disso, as crianças são admitidas em programas escolares especiais para superdotados com base nas suas pontuações de QI. Como a sua concepção de superdotação permite uma visão ampliada das pessoas superdotadas, qual forma a senhora considera ser a melhor de identificá-las?

Bem, não me oponho à ideia de um teste de QI, porque os testes de QI mostram o desempenho das crianças na escola, porque o que os testes de QI solicitam são habilidades relacionadas com a escola. Mas penso que uma forma muito melhor, e talvez mais ampla de captar mais crianças – que talvez não tenham bons resultados nos testes [de QI] – seria confiar em algo mais flexível. Eu acho que os professores sabem muito bem quais são as crianças que estão entediadas na escola porque podem fazer tudo o que lhes é pedido e têm tempo de sobra – quando as outras crianças ainda estão trabalhando – e pedem por mais trabalho. Essas crianças claramente estão pedindo por algo mais desafiador. Então, eu confiaria, em primeiro lugar, no que os professores observam e recomendam.

E eu também, isso pode parecer uma recomendação absurda, mas eu deixaria as crianças optarem por aulas avançadas em sua área de habilidade. Porque bem poucas crianças vão optar por um curso avançado de matemática se elas já acharem matemática difícil. Então, eu acho que seria um bom sinal de habilidade em um domínio particular se uma criança diz: “Quero ir para uma turma avançada”. É claro que, com isso, você teria que ter o entendimento que as crianças que optam por participar, mas, na verdade, não são capazes de fazer o trabalho, teriam que optar por não participar [por sair]. Mas eu pessoalmente confiaria nas recomendações dos professores e dos alunos pedindo para participar, em vez de um teste de QI. E um teste de QI certamente não detectará superdotação em áreas não escolares.

Tania Viana: Recomendações dos professores também.

Tania Viana: A existência de programas educacionais destinados a crianças superdotadas e talentosas nos Estados Unidos da América (EUA) aponta para duas categorias distintas: superdotação e talento. Gostaria de saber o propósito dessa diferenciação, senhora.

Ellen Winner: Acho que, quando dizem talento, estão se referindo às artes ou talvez também ao atletismo, embora normalmente usem o termo talentoso. Acho que, quando usam a palavra superdotado, estão se referindo às habilidades escolares, principalmente às habilidades verbais e às habilidades matemáticas. Então... mas, como mencionei anteriormente, não acho realmente útil ter um termo diferente: superdotado e talentoso. Acho que devemos apenas dizer superdotados e depois especificar a área em que as crianças são superdotadas. Porque, para mim, superdotação e talento significam simplesmente habilidade muito elevada em um domínio específico.

Tania Viana: Você começa seu livro “Crianças Superdotadas” dizendo esta frase: “Nenhuma sociedade pode se dar ao luxo de ignorar seus membros mais superdotados, e todos devem pensar seriamente sobre a melhor forma de nutrir e educar talentos”. Qual modelo de Educação a senhora considera melhor para eles?

Ellen Winner: Bem, acho que o modelo de educação que considero melhor para crianças superdotadas é o mesmo modelo que considero melhor para todas as crianças. E, isto é, em primeiro lugar, uma educação que desafie as crianças, nem muito difícil, nem muito fácil, apenas as desafie exatamente onde elas precisam ser desafiadas para educá-las.

E, em segundo lugar, uma Educação Progressiva em oposição a uma Educação Tradicional. E, com isso, quero dizer que uma educação tradicional é a ideia de um professor ficar na frente da turma, transmitindo conhecimento para a criança, cuja função é internalizar e lembrar o que o professor disse. Essa é uma forma muito tradicional de educação. Mas, desde o século XX, existe esta ideia de Educação Progressiva iniciada por John Dewey – o pai, eu diria, da Educação Progressiva. E, na Educação Progressiva, as crianças constroem ativamente o seu próprio conhecimento e a sua própria compreensão, interagindo com os materiais, conversando com os seus pares.

E o professor tem um papel importante, mas não é ficar na frente da turma e transmitir conhecimento. É servir de facilitador para as crianças – que constroem o seu próprio conhecimento – colocando desafios às crianças, para que possam envolver-se na resolução de problemas e descobrir coisas por si próprias. Eu acho que esse tipo de educação é o melhor para todas as crianças. O que seria diferente para crianças superdotadas é que seria apenas mais desafiador.

Mas eu também argumentei no meu livro que, em vez de ter programas para superdotados, o que eu chamaria de superdotados moderados, eu simplesmente aumentaria o nível de desafio em todas as nossas escolas para crianças típicas. E então fazer algo especial para aqueles que estão vários anos ou mais à frente dos seus pares, que eu chamaria de extremamente superdotados ou prodígios. Eles realmente precisam de algo diferente. E acho que o que eles precisam é de aulas avançadas na sua área de alta habilidade. Mas eu ainda estruturaria essas aulas avançadas de uma forma progressiva, ao invés de um professor, de cima para baixo, direcionando o conhecimento para a criança, o qual a criança deveria memorizar.

Tania Viana: Nos seus estudos sobre a Psicologia das Artes, a senhora encontra uma conexão correlacional – não uma conexão causal – no sentido de que os alunos que cursam muitas aulas

de artes têm notas mais altas nos testes do que os alunos que cursam menos ou nem sequer cursam aulas de artes. Que hábitos mentais a senhora acha que as artes podem gerar?

Ellen Winner: Ok, deixe-me responder o que considero serem duas partes desta pergunta. A primeira é por que eu não encontrei nenhuma conexão entre os pontos fortes acadêmicos e a realização de muitos cursos na área de artes? É uma descoberta correlacional, portanto não é uma descoberta causal. E quando a minha colega Lois Hetland e eu analisamos toda a investigação que pudemos encontrar testando experimentalmente a afirmação sobre se o envolvimento nas artes aumenta ou não os resultados dos testes acadêmicos das crianças, não conseguimos encontrar qualquer apoio para isto. Existe uma correlação.

Crianças que cursam muitas aulas [de artes]... no Ensino Médio... Você sabe, quando têm idade suficiente para escolher suas aulas no Ensino Médio, os alunos do Ensino Médio que cursam muitas aulas de arte tendem a se sair bem nos testes. Mas isso é porque eles podem vir de escolas que são... eles podem frequentar escolas que são boas tanto em nível acadêmico como artístico. Eles podem vir de famílias que valorizam ambos. Eles podem ter muita energia para se envolver em ambos e se saírem bem.

Mas, quando você faz um experimento, o que significa que você pega um grupo de crianças e designa aleatoriamente um grupo para obter muitas aulas de artes e o outro grupo para obter outra coisa que não seja [aulas de] artes, e você mede suas pontuações em testes acadêmicos antes e depois desta intervenção, esse é um verdadeiro experimento onde você pode supor, você pode inferir causalidade. Descobrimos que esses estudos não mostraram nenhuma evidência. Assim, nos Estados Unidos, há uma tentativa desesperada de manter a educação artística nas nossas escolas, o que eu valorizo, mas as pessoas acreditam que a melhor maneira de fazer isso é dizer: “Dê dinheiro para a educação artística porque isso tornará os seus filhos mais inteligentes”.

E temo que isso não se sustente. Dê dinheiro para a educação artística porque ela ajuda as crianças a desenvolverem outras formas de habilidades de pensamento. E isso leva à sua próxima pergunta. Escrevi um livro chamado “Studio Thinking: The Real Benefits of Visual Arts Education” [Estúdio de Pensamento: os Reais Benefícios da Educação das Artes Visuais]. E foi baseado em muitas horas de observação de professores muito qualificados nas artes visuais ensinando a alunos do Ensino Médio. O que descobrimos é que esses professores estavam inculcando uma série do que chamamos de hábitos mentais artísticos, os tipos de hábitos mentais que os artistas usam em seus filhos, em seus alunos, desculpe.

Então, por exemplo, um deles é aprender a olhar com muito cuidado. Essa é uma habilidade muito importante: aprender a perceber, a olhar com atenção. Outra era aprender a imaginar, ou seja, com isso, queríamos dizer: ajudar as crianças a gerar imagens mentais, mesmo quando as imagens não estão na frente delas, estão apenas nas suas mentes. E isso é importante porque, se você vai planejar uma pintura, digamos, você precisa ter uma imagem em mente de como deseja que ela fique. Ou se quiser revisar sua pintura, você precisa ter uma imagem em mente do que modificar para ficar como você deseja. É então: observar, visualizar.

Refletir, encontramos muito foco na reflexão nas aulas de arte porque os alunos são questionados o tempo todo: “O que você está fazendo?”; “Por que você está fazendo isso?”; “O que você está tentando alcançar?”; “Como você conseguiu isso?”; “Como você fez com que parecesse assim?”; “O que você poderia fazer de forma diferente?”. Todas estas são questões de reflexão, que levam as crianças a pensarem sobre o seu próprio processo enquanto criam uma obra de arte. Existem vários outros também, como envolver-se e persistir. Nos cursos de arte de alto nível, as crianças são ensinadas a se ater a alguma coisa e você trabalha em projetos

por um longo período de tempo. Você não pega apenas um simples rascunho, faz uma imagem e diz: “Terminei”. Você se apega a algo em que está envolvido por um longo período de tempo.

Outra é estender-se e explorar. Pediu-se às crianças que brincassem, experimentassem coisas, não se preocupassem se cometessem um erro, aprendessem com seus erros. Não acho que você encontre isso com frequência nas aulas de matemática. “Experimente novas maneiras de fazer divisões longas”; “Veja o que você descobriu”; “Não se preocupe em cometer erros”. Você não ouve tanto isso em uma aula de matemática. Mas eu poderia entrar em uma aula de arte e ouvir um professor dizer: “Hoje vamos descobrir novas maneiras de fazer a argila grudar”; “Só vou pedir que você descubra por conta própria”; “Veja o que você pode inventar”. E talvez você cometa erros, talvez não. Talvez você crie algo totalmente novo. Então... isso seria estender-se e explorar.

Então, esses são alguns dos hábitos mentais que acho que as crianças adquirem nas aulas de artes visuais de alto nível. E agora tenho alunos que estão analisando o mesmo tipo de assunto na música: quais hábitos mentais são ensinados na música. E, no teatro, quais hábitos mentais são ensinados no teatro. E eles não serão os mesmos. Eles serão diferentes. Eles são diferentes. Mas acho que a ideia de hábitos mentais é uma forma de pensar muito rica. Você também pode pensar nisso para áreas acadêmicas. Quando você ensina matemática ou história para crianças, você está tentando gerar os hábitos mentais que os matemáticos usam ou que os historiadores usam. Então, com as artes não é diferente.

Tania Viana: Isso é muito legal.

Tania Viana: Na sua experiência, que fatores desempenham um papel importante que crianças superdotadas ou prodígios se tornem criadores eminentes na idade adulta?

Ellen Winner: Bem, isso é um verdadeiro quebra-cabeça. Como eu disse, a maioria dos prodígios não se torna grandes criadores, embora provavelmente a maioria dos criadores tenha sido prodígio quando criança. Porque o funil fica menor à medida que você se torna adulto. Então, aqui estão todas as crianças superdotadas, mas elas estão tentando se tornar um grande criador e o funil é mais estreito. E há muito menos grandes criadores. E acho que uma razão que mencionei anteriormente é que uma criança superdotada está dominando algo que já foi inventado. E um gênio criativo está inventando algo novo. Então esse é um tipo de habilidade muito diferente.

Então, não podemos esperar que todos os prodígios tenham isso. E acho que há uma característica de personalidade também. E, isso é, se você quer se tornar um criador, um inovador, você tem que ter vontade de agitar as coisas. Você precisa ter o desejo de tornar seu domínio diferente, porque não está satisfeito com a forma como as coisas estão. Você não está satisfeito com o estado das artes visuais. E então você quer criar uma nova forma de pintar. E assim, Picasso surge com o Cubismo. Você não está satisfeito com o estado da Biologia e da Ciência. E então Darwin surge com a Teoria da Evolução. Essas coisas não surgem do nada. Elas são produto de longos anos de trabalho árduo.

Mas acho que a característica da personalidade de querer agitar as coisas é provavelmente muito importante. Uma espécie de inquietação. Mas ninguém tem sido capaz de prever quais prodígios se tornarão grandes criadores. Só podemos olhar para trás e dizer: “Ah, esses criadores foram prodígios e tinham essas características”. Então, não é uma pergunta fácil. Mas esse é o meu melhor. Essas são as minhas melhores suposições. Ter a capacidade não apenas de dominar, mas de inovar muito e ter o desejo de inovar.

Tania Viana: Professora Ellen Winner, isso está relacionado à fúria por dominar?

Ellen Winner: Bem, acho que as crianças superdotadas têm fúria por dominar e acho que os criadores adultos têm fúria por dominar. Então, não acho que ter fúria por dominar preveja que você será um adulto criador eminente. Acho que vai além disso.

Tania Viana: A senhora poderia nos explicar sua concepção de superdotação? A senhora falou a respeito: é baseada em três características.

Ellen Winner: Sim, quero dizer, acho que, na minha opinião, as crianças que chamaríamos de superdotadas e/ou prodígios, em primeiro lugar, por definição, são precoces. E o que quero dizer com isso é que estão fazendo coisas em uma área específica que não são as mesmas que seus colegas de idade estão fazendo. Elas estão à frente das crianças da mesma idade: alguns estão moderadamente à frente; alguns estão muito, muito à frente. É um *continuum*, então há precocidade. Em segundo lugar, é que elas realmente parecem ensinar a si próprias. Eles não precisam de muita ajuda de adultos.

Vou te dar um exemplo. Uma das crianças sobre as quais escrevi em meu livro dominou a leitura desde muito jovem. E agora esqueci exatamente a idade que eu disse que ele tinha, mas está muito além, muito, muito abaixo da idade em que as crianças geralmente adquirem a leitura. E aqui está como ele fez isso: ele pediu à mãe que lesse uma história para ele e ouvisse cada palavra que ela dizia. Ele olhou atentamente e pediu que a mesma coisa fosse feita por uma semana. E então ele escolheu outro livro e pediu a mesma coisa todos os dias durante uma semana. E, depois disso, sua mãe me disse que ele simplesmente decifrou o código da leitura e nunca mais queria que lessem para ele. Ele simplesmente leu por conta própria.

Agora, a adulta nessa situação teve algum papel. Ela teve que fornecer o livro e obedecer ao filho e apontar cada palavra que pronunciava. Mas esse é um papel mínimo comparado ao que um professor de leitura tem que passar para que uma criança típica aprenda a ler. E é isso que quero dizer quando digo que eles não precisam de muitos ensinamentos para adultos. Eles praticamente ensinam a si próprios.

E a terceira característica é essa fúria por dominar. Este impulso. É muito difícil fazer com que as crianças saiam para brincar, brinquem com os amigos, tomem café da manhã, prestem atenção na escola, porque tudo o que elas querem é trabalhar na sua área de alta habilidade. Quero dizer, uma criança que estudei, que era um prodígio do desenho, simplesmente fazia desenhos o dia todo na escola e não participava de nenhuma das outras atividades do jardim de infância. E sua professora não gostou disso. Ela não o apoiou. Mas essa criança era obcecada por desenhar.

E meu neto, de quatro anos, levanta de manhã antes que as outras pessoas acordem, vai para o quarto, tem todos os materiais de arte e começa a pintar. E ele não incomoda ninguém, porque está completamente absorto na pintura e nem acorda ninguém. E é isso que ele faz o tempo todo que o permite que esteja pronto em sua fúria por dominar.

Tania Viana: Gostaria de entender um pouco mais sobre uma das características do seu modelo. Deixe-me ver: uma insistência em fazer as coisas a seu modo. A senhora poderia falar um pouco mais sobre isso?

Ellen Winner: Sim. Acho que quero dizer, com isso, que eles ensinam a si próprios e também que são um tanto inconformistas. Eles não se importam com o que as outras pessoas pensam. Eles não tentam ser como as outras pessoas. Eles parecem diferentes e realmente são diferentes.

Eles vivem em suas próprias cabeças. Eles acham que suas próprias mentes são mais interessantes do que as de outras pessoas. Eles são simplesmente... Eles são frequentemente introvertidos e parecem ser autoguiados, ao invés de serem impulsionados pela pressão dos colegas.

Eles não veem nada de errado em convidar uma criança para brincar e acontece que a única razão pela qual queriam convidar aquela criança para brincar é para que pudessem desenhá-la e pedir-lhe que fosse modelo. Na verdade, isso foi algo que aconteceu com um dos artistas superdotados que estudei. E, depois de um tempo, as crianças não queriam mais ir brincar em sua casa, porque tudo o que ele queria que elas fizessem era sentar e modelar para seus desenhos. Então é isso que quero dizer com insistência em fazer as coisas a seu modo. Eles fazem o que querem. Eles não sucumbem à pressão dos colegas.

Tania Viana: Agora entendi. Obrigada.

Tania Viana: Essa é minha última pergunta para a senhora, professora. Ellen Winner por Ellen Winner. Como a senhora se define?

Ellen Winner: Como eu me defino? Bem, sou formada como psicóloga do desenvolvimento. Eu estudo como as crianças se desenvolvem, mas meu foco é como elas se desenvolvem nas artes, nas artes visuais, na música, no teatro. Não tenho feito muito trabalho em dança. Então, acho que eu diria que sou uma psicóloga do desenvolvimento cognitivo focada nas artes. Sempre me interessei muito pelas artes. Eu ia me tornar uma artista antes de me tornar psicóloga, mas não deu certo. Então é assim que eu me definiria, psicóloga do desenvolvimento cognitivo das artes.

Tania Viana: Isso é bom o suficiente. Agradecemos à senhora por isso. Professora Ellen Winner, aceite nossa infinita gratidão não apenas pela entrevista, mas especialmente por seu esforço incansável no campo da superdotação. Seu trabalho árduo e dedicação são verdadeiramente admiráveis e somos muito gratos por tudo o que a senhora tem feito pelas pessoas superdotadas. Em nossos corações, temos uma vencedora³. E o nome dela é Ellen. Muito obrigada.

Ellen Winner: Muito obrigada pela entrevista. Foi um prazer falar com você.

Tania Viana: O prazer foi meu. A senhora gostaria de dizer algo para as pessoas da área de superdotação no Brasil?

Ellen Winner: Bem, eu acho que não devem ceder à pressão quando as pessoas lhe disserem que: “Vocês não deveriam trabalhar com superdotação”; “Crianças superdotadas não precisam de ajuda”; “São as crianças que estão abaixo da média que precisam de ajuda”. Não cedam a isso porque crianças superdotadas precisam igualmente de ajuda no sentido de fornecer o tipo certo de educação para elas, como acontece com crianças com habilidades médias ou mesmo abaixo da média. Então, continuem a luta. Não é elitista oferecer educação para crianças superdotadas.

Tania Viana: Professora Ellen Winner, muito obrigada por esta entrevista. Até logo.

Ellen Winner: Até logo. Obrigada, Tania. Bye.

³ Em inglês, a palavra “winner” significa vencedor(a) e coincide com o sobrenome da professora Ellen Winner. A expressão “We have a winner” tem o sentido de “Temos um vencedor”. A frase foi, portanto, um trocadilho (nota do tradutor).